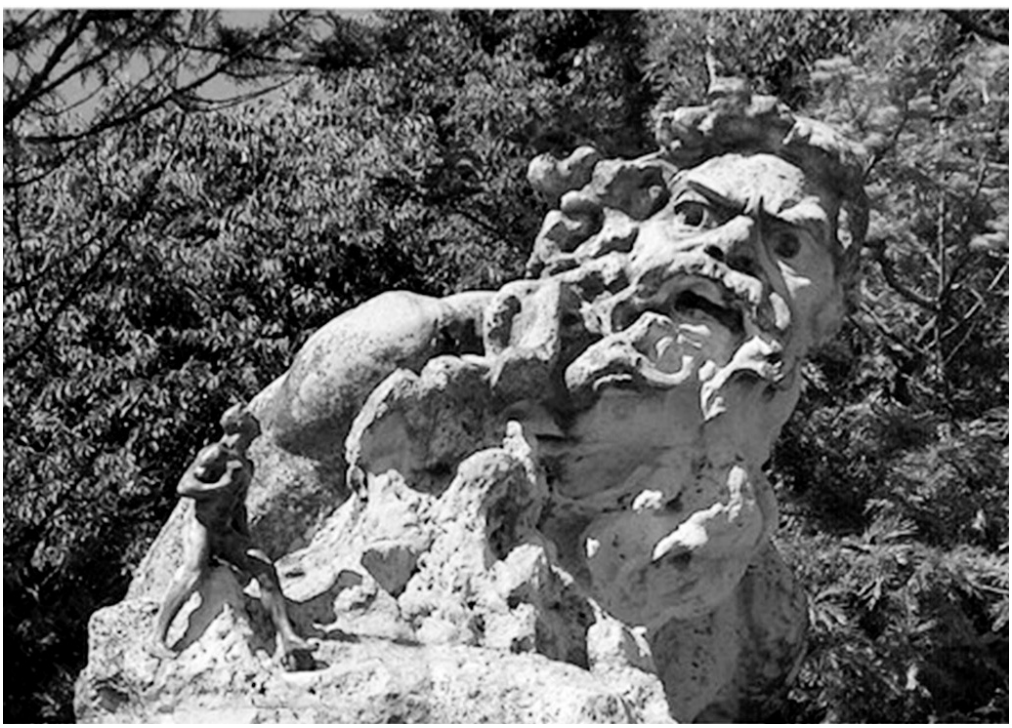
Edições Cotovia, 1999; TAYLOR, Barry, «O mito de Actéon: interpretação e poetização», *in* PENA, Abel N. (coord.), *A Tradição Mitográfica Portuguesa. Representações e Identidade. Séculos XVI-XVIII*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2008; VICKERS, Nancy J., «Diana described: Scattered woman and scattered rhyme», *Critical Inquiry*, 8, 2, 1981, pp. 265-279.

Vítor Aguiar e Silva

ADAMASTOR (Episódio do). Conjunto de estâncias situado no Canto V (37-60) d'*Os Lusíadas*, na parte final da narração de Vasco da Gama ao Rei de Melinde, evocando o confronto entre os marinheiros que se dirigem para a Índia e um gigante petrificado, que se assume como obstáculo à viagem.

Depois de terem superado o temor do fogo de santelmo e da tromba marítima (V.18-22) e de terem vencido os apuros em que o aventureiro Fernão Veloso tinha colocado os seus companheiros na baía de Santa Helena (31-36), os portugueses prosseguem a sua viagem num cenário de harmonia. A aparição do gigante constitui, por isso, um fator de surpresa, induzindo nos nautas uma espécie de medo instintivo: «Arrepiam-se as carnes e o cabelo, / [...] só de ouvi-lo e vê-lo!» (40).

A materialização da figura ocorre assim sob o registo clássico da metamorfose, sendo o elemento de partida uma simples nuvem escura que se coloca acima dos marinheiros [«ũa nuvem que os ares escurece, / Sobre nossas cabeças aparece» (37)]. Erguendo-se então no ar, em forma de ameaça, o gigante vai profetizar um vasto rol de «naufrágios e perdições de toda sorte». As mortes de Bartolomeu Dias (44) e de D. Francisco de Almeida (45) remetem para a lógica da punição dos pioneiros; mais significativo é ainda o caso do naufrágio do galeão de *S. João* e os efeitos que provocou em Manuel de Sousa Sepúlveda e D. Leonor de Sá, sua esposa. De facto, se a vingança operada nas figuras do «descobridor» do Cabo e no primeiro vice-rei da Índia se enquadra no registo épico, já o sofrimento e a morte dos dois esposos («amantes míseros») e dos «filhos



Monumento ao Adamastor de Júlio Vaz Júnior, de 1927, no Miradouro de Santa Catarina, em Lisboa

caros» institui uma lógica de tragédia. Assim se sintetiza, através da privação da vida e do amor, o preço que os lusitanos têm de pagar pela conquista da glória.

Após uma primeira fase, na qual o gigante se assume como oponente à viagem, segue-se uma interpelação do Gama: «[…] Quem és tu? Que esse estupendo / Corpo, certo me tem maravilhado?» (49). Esta pergunta desnudante traduz uma importante alteração na atitude e no discurso do gigante que, embora a contragosto [«Me respondeu, com voz pesada e amara / Como quem da pergunta lhe pesara» (idem)], vai narrar a história dos amores fracassados com Tétis, uma ninfa por quem se tinha incontroladamente apaixonado. Na impossibilidade de superar o obstáculo ontológico que o separava da bela ninfa, o gigante impulsivo decide conquistá-la pela força. Em sintonia com sua mãe (Dóris), Tétis atrai então o crédulo gigante para uma cilada. Este, que já tinha sido privado da vontade desde que vira a ninfa pela primeira vez [«[…] e logo presa / A vontade senti, de tal maneira / Que inda hoje não há coisa que mais queira» (52)], vê-se agora mineralizado, quando julgava abraçá-la. O seu sofrimento transforma-se então em suplício perpétuo, já que, somaticamente morto mas animicamente vivo, se vê obrigado a contemplar, para sempre, a exibição da nereida enganosa: «[…] e por mais dobradas mágoas, / Me anda Tétis cercando destas águas» (59). No final, em nova metamorfose disfémica, o gigante desaparece, envolto em choro.

O Gama, seu único interlocutor, apenas retém do episódio a profecia dos «duros casos». Mas a ligação entre as duas partes do episódio é manifesta: a circunstância de o gigante se assumir como obstáculo à prossecução da viagem (a caminho do Amor e do Conhecimento) não pode dissociar-se do facto de ele ser, sobretudo, um desenganado amoroso. Nessa medida, para além de representar um obstáculo épico, ao serviço da caracterização do herói sacrificial, a figura do Adamastor encarna também, num outro nível de sentido, o desespero e o despeito dos vencidos. No final em nova metamorfose disfémica, o gigante desaparece, envolto em choro.

Recorrendo a um mito mediterrânico (o do gigante que se vê penalizado pelo excesso dos seus impulsos), Camões retoma uma matriz que podemos situar no Renascimento (Rabelais fala diretamente da figura no *Pantagruel*, publicado em 1533) ou em épocas mais recuadas: na *Gigantomachia*, de Claudiano (século IV), a figura surge com o nome de Damastor (evocando ironicamente o verbo «domar»), onde é irmão de Pallas, um outro gigante que se converteu em pedra, à vista da cabeça de Medusa; finalmente, a figura pode ser reportada aos *Argonautas,* de Valério Flaco (século I), fazendo lembrar a oposição entre Bóreas e os viajantes. Embora recorrendo a uma memória identificável, Camões recriou neste episódio central da epopeia uma fábula fortemente idiossincrásica, que reúne a sua visão da Vida e do Amor, feita de Engano e Desengano, Conquista e Renúncia, Instinto e Privação, Lirismo e Tragédia. É nessa medida que se confirma a sua importância nuclear no conjunto de toda a produção camoniana. A ponto de, por via dos acidentes evocados, da interpretação fatalista desses mesmos acidentes e até dos traços de disformidade física que afastam a figura da belíssima ninfa, poder ver-se no Adamastor uma projeção parcial do próprio autor (MENDES, 1974).

Para além das significações específicas que detém na epopeia camoniana, a personagem vai ser algumas vezes retomada nas literaturas de língua portuguesa, em registos diferenciados: no poema heroico intitulado *Sagres* (1898), o poeta brasileiro Olavo Bilac ressuscita a figura que, desta vez, se opõe aos sonhos de aventura do infante D. Henrique. Alguns anos depois (1934), Fernando Pessoa faz surgir na *Mensagem* um Mostrengo convencional, em antagonismo com o homem do leme, coletivamente caracterizado na sua coragem superadora. Finalmente, no poema intitulado «Naus de verde pinho» (1996), Manuel Alegre, em registo conjunto, retoma o substrato camoniano e pessoano, cometendo à figura de um marinheiro de perna de pau o papel de profeta ominoso.

Para além da repercussão literária que viria a obter, a figura do Adamastor haveria ainda de transformar-se num tópico cultural, representando os obstáculos sobre-humanos e os medos arquetipais com que o homem (nauta de qualquer época) tem de se confrontar na conquista dos seus desígnios.

BIBL.: BERNARDES, José Augusto Cardoso, «Tétis, o Adamastor e o peito ilustre lusitano», *Biblos* LXIV (1988),

pp. 119-134; CASTRO, Aníbal Pinto de, «O Episódio do Adamastor: seu lugar e significação na estrutura d'*Os Lusíadas*», in *Páginas de Um Honesto Estudo Camoniano*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2008, pp. 175-190; MENDES, João, *Literatura Portuguesa* I, Lisboa, Verbo, 1974, pp. 234-239; POST, Houwens, «A cronologia da composição de várias passagens d'*Os Lusíadas*», *Revista Ocidente*, vol. LXXXIII (1972), pp. 293-316; RAMALHO, Américo da Costa, «Aspectos clássicos do Adamastor», *Estudos Camonianos*, Lisboa, 1980, pp. 35-44; SARAIVA, António José, «Lugar do Adamastor na estrutura d'*Os Lusíadas*», *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegano-Picchio*, Lisboa, Difel, 1991, pp. 653-658; VIEIRA, Yara Frateschi, «Adamastor. O pesadelo de um ocidental», *Colóquio/Letras*, 98 (1987), pp. 25-37.

José Augusto Cardoso Bernardes

AFRÂNIO PEIXOTO, Júlio (camonista) (1876-1947). Foi o brasileiro que mais se empenhou para a instituição da Camonologia como disciplina universitária em Portugal, tendo sido idealizador, mentor, arquiteto e executivo da inauguração, a 5 de abril de 1924, da cadeira de Estudos Camonianos, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cujo primeiro titular foi José Maria Rodrigues. Teve a ideia da cátedra e intermediou o processo entre o benemérito português, industrial residente no Rio de Janeiro, o Sr. Zeferino Rebêlo de Oliveira, que com a doação de títulos provisórios financiou a cátedra, e a instituição portuguesa. O cunho intelectual da iniciativa foi imediatamente reconhecido e retribuído pela Faculdade de Letras de Lisboa através do doutoramento *honoris causa* de Afrânio Peixoto.

No Brasil, comemorou tais feitos no bojo das homenagens ao quarto centenário do nascimento de Camões, aceitando a data de Teófilo Braga para o nascimento do poeta em 4 ou 5 de fevereiro de 1524, a partir da interpretação de versos da canção *Vinde cá meu tão certo secretário*: «Quando vim da materna sepultura / de novo ao mundo, logo me fizeram / Estrelas infelices obrigado», em que se conjecturou referência a um dilúvio prognosticado pelos astrólogos para tal data, «por ajuntamento de alguns planetas em o signo de *Piscis*». A efeméride foi logo festejada pelo incansável camonista, então presidente da Academia Brasileira de Letras, por meio de duas conferências proferidas em 1924, a de abertura das comemorações na inauguração da cadeira de Estudos Camonianos, relida no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, sobre *A camonologia ou os estudos camonianos*, enfocando o Camões épico, e a de encerramento, sobre Camões lírico, na Academia Brasileira de Letras, a 24 de dezembro.

O quarto centenário do nascimento de Camões ainda deu margem à criação da Sociedade de Estudos Camonianos (SEC), para a qual redigiu e publicou ainda em 1924, *Camões e a Medicina*, e, em parceria com Pedro A. Pinto, o *Dicionário d'Os Lusíadas*, logo estimado como «espécie de vade-mécum do lusiadicismo». Principalmente aí, mas também em notas aos seus ensaios, elucidou expressões idiomáticas e conotações privativas da época de Camões, como, por exemplo, o sentido de «cair em uma coisa», isto é, «se dar conta dela», «dar por ela». No seu ensaio *Língua Camões*, em que recolheu amostras da pesquisa sobre significados e acepções, revelou talento invulgar para a pesquisa do léxico e para a filologia.

Sem dúvida, Afrânio Peixoto foi um fino intérprete da obra camoniana. A crítica das fontes literárias e históricas de *Os Lusíadas*, a inclusão da lírica camoniana ou do *Parnaso* como uma das fontes do épico, o humorismo de Camões, as relações entre o poeta e o Brasil e vice-versa são temas para os quais contribuiu com competência, erudição e criatividade, como nos estudos publicados e proferidos para comemorar outras efemérides camonianas e de camonistas: *O Morgado de Mateus, editor d'*Os Lusíadas, em 1925, para celebrar o centenário da morte de Sousa Botelho; *O* Parnaso, *de Camões, fonte de* Os Lusíadas, publicado no Instituto, n.º 73, em Coimbra, em 1926; em 10 de junho do mesmo ano, «Os Lusíadas *de D. Pedro II*, lido no próprio IHGB, em cuja biblioteca se encontra ainda hoje o exemplar do imperador, que se julgava ter pertencido a Camões; *Camões humorista*, em 10 de junho de 1927, na SEC; *Camões e Vergílio*, na Academia das Ciências de Lisboa, em 1930; do mesmo ano é o estudo sobre Camões e o Brasil, lido a 10 de junho. *O endereço d'*Os Lusíadas e *O velho do Restelo*, por sua vez, avançam nas pesquisas acerca das fontes históricas do épico.

Em seus estudos críticos, Afrânio Peixoto mostra bastante intimidade com o texto camoniano, recheando os comentários com copiosas citações